

28/10/59

28/10/59

A CRÔNICA de Rubem Braga

O BOTAFOGO

ATÉ que eu sempre simpatizei com o Botafogo. Eu só não, nós todos, do Flamengo, sempre tivemos o Botafogo como uma espécie de segunda pátria, e da última vez que ele foi campeão éramos algumas dezenas de milhares no Maracanã a torcer por ele, se lembram? Era mesmo um time simpático, meio azarado, mas lutador e, de repente, capaz de grandes feitos.

Ah, mas como a glória perverte o coração do homem! Tenho muitos amigos botafoguenses e tenho notado, com silencioso espanto, como eles mudaram; secou-se-lhes no coração a fonte da humildade boa; passaram a nos olhar do alto de suas pirâmides; e, em segredo, cada botafoguense passou a se considerar uma espécie de campeão do mundo! O Paulo Mendes Campos, por exemplo: não pode haver homem mais lúcido e cordial, morei com ele, conheço bem, é meu amigo; pois virou técnico, mais do que isso, super-técnico infalível. Rompeu tôdas as possibilidades de diálogo; passou a doutrinar sem se dignar a ouvir a mínima observação. P.M.C. *dixit*, e acabou-se.

Tenho um sagrado horror a zombar dos vencidos, e espero que meus amigos do Botafogo não levem a mal a deliciosa graça bailarina com que os pernas-de-pau do Flamengo, mesmo sem Solich nenhum da boca do túnel, marcaram aqueles seis pontos domingo. O que nós todos, do Flamengo, estamos querendo, é recuperar aquele Botafogo amigo, leal e sem máscara, que sempre teve a nossa maior simpatia. Não tivemos prazer algum em agradar ao Fluminense; fizemos tudo, no fundo, por amor ao Botafogo, contra a Soberba e a Presunção que o estavam perdendo. Não temos pretensões neste campeonato. agimos com isenção e pureza, e — acreditem, irmãozinhos alvi-negros! — um recôndito, misterioso carinho.